



**OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO
UMA NAÇÃO**

***MONARCHS AND THE ENGLISH REFORMATION: POLITICS AND RELIGION IN UNITY,
BUILDING A NATION***

Juliano Bernardino de Godoy¹

e351355

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i5.1355>

PUBLICADO: 05/2022

RESUMO

Esse trabalho focara na análise no final da Idade Média com o início da Idade Moderna, Reforma Religiosa e do início do protestantismo europeu sob a égide do estudo da Inglaterra como nação. O estudo do anglicanismo mediante as interferências políticas, religiosas e culturais favoreceu a Inglaterra implementar uma Igreja Nacional, sem laços com o papado de Roma, todavia mantendo sua própria organização litúrgica e pastoral. Através da metodologia de revisão bibliográfica, tanto relacionado à historiografia como Hume (2014), Bloch (1987), Ginzburg (2011), como da religiosidade anglicana, tais como Cairns (1995), Bettenson (1967), e Oliveira (2017) pretende-se de forma panorâmica mostrar os acontecimentos envolvidos nesse processo histórico-cultural valorizando a formação de uma monarquia sólida e sua importância para Inglaterra em sua nova configuração política e social nesse período.

PALAVRAS-CHAVE: Monarquia. Reformadores. Anglicanismo. Romanismo. Política.

ABSTRACT

This work had focused on analysis in the late Middle Ages with the beginning of the Modern Age, Religious Reform and the beginning of European Protestantism under the aegis of the study of England as a nation. The study of Anglicanism through political, religious and cultural interference favored England to implement a National Church, without ties to the papacy of Rome, while maintaining its own liturgical and pastoral organization. Through bibliographic review methodology, both in terms of historiography such as Hume (2014), Bloch (1987), Ginzburg (2011), and Anglican religiosity, such as Cairns (1995), Bettenson (1967), and Oliveira (2017) in a panoramic way to show the events involved in this historical-cultural process, valuing the formation of a solid monarchy and its importance for England in its new political and social configuration in that period.

KEYWORDS: Monarchy. Reformers. Anglicanism. Romanism. Politics.

1 INTRODUÇÃO

Estudar e analisar a Inglaterra como nação dentre os fatos históricos e culturais é um desafio para todo historiador na modernidade. Com o advento da história cultural, novas perspectivas de análise são possíveis no conceito de novas interpretações e paradigmas principalmente com as colaborações de Carlo Ginzburg (2011) em sua obra "O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício". A constituição da Inglaterra como nação vem de suas estruturas políticas e religiosas marcada por conflitos e rupturas com estruturas maiores, e em todos os momentos a monarquia tem papel fundamental para os momentos vitoriosos como nos graciosos. Segundo Ginzburg:

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba- Bacharel em História na Estácio, Polo; Rio Claro-SP. E-mail: julianobgodoy@gmail.com



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

Contar o itinerário de uma pesquisa quando ela já chegou a um a conclusão (ainda que se trate, por definição, de uma conclusão provisória) sempre comporta, é obvio, um risco: o da teleologia. Retrospectivamente, as incertezas e os erros desaparecem, ou se transformam em degraus de uma escada que leva direto à meta: o historiador sabe desde o início o que quer, procura, por fim encontra. Mas na pesquisa real as coisas não são assim. (GINZBURG, 2011, p. 295)

Na citação acima Ginzburg esclarece que o quase vai nos mostrar muitas coisas e é possível chegar ao passado de uma forma concreta. Associar uma pesquisa narrativa com o método do paradigma indiciário será um trabalho denso. Todavia, chegaremos à redação da pesquisa final com argumentos organizados e coerentes. A teleologia é uma busca com um olhar para o futuro em que, após uma construção baseava nas instabilidades e nas dúvidas e na desordem, irão produzir uma narração contundente que no texto final deverá estar em total harmonia e construção.

Nessa conjectura esse estudo tem a pretensão de elucidar brevemente, mas de forma contundente quais os fatores que levaram a Monarquia Inglesa, romper com a Igreja Romana e seu sistema medieval, modificando seu sistema religioso e político em seus domínios. e com isso de que forma a Inglaterra prosperou em aspectos econômicos com a Reforma Religiosa e como sua nobreza em apoio ao Rei, deu sustento a essa nova conjectura. Pretende-se, de forma panorâmica, também entender melhor quais os interesses políticos, religiosos e pessoais envolvidos nessa ruptura.

A metodologia de revisão bibliográfica foi adotada através de estudiosos sobre a temática, tanto a nível da historiografia como Hume (2014), Bloch (1987), Ginzburg (2011), como da religiosidade anglicana, tais como Cairns (1995), Bettenson (1967), e Oliveira (2017). Esses intelectuais pretendem organizar nossa linha do pensamento para entendermos que a Reforma Religiosa que aconteceu na Inglaterra no século XVI não teve um viés religioso apenas, mas muito político de relações desgastadas dos monarcas ingleses com o papado e também nações apoiadas por essas instituições como França e Espanha.

No primeiro item de forma sintética se deu um olhar crítico e resumido sobre o período antigo e medieval da antiga Bretanha que depois se organizou a Inglaterra como país principalmente com a cristianização do país. Nesse contexto também serão vistos os primórdios políticos e sociais que antecedem a Reforma Religiosa. Após essa contextualização local e histórica nos aprofundaremos no período da Reforma Religiosa e política do século XVI com os reinados de Henrique VIII, Eduardo VI, Maria I E Elizabeth I em sua cisma e tensões que prevaleceram em cada reinado.



2 A MONARQUIA INGLESA NA IDADE ANTIGA E MEDIEVAL: ANTECEDENTES DA REFORMA

A História das mentalidades, uma metodologia histórico-social conferida pro Marc Bloch e pela Escola dos Annales¹, é de grande importância no estudo das relações Estado versus Religião. A humanidade, através da ciência e da reinterpretação, voltou para um aspecto desconhecido ou desconsiderado durante muito tempo na academia: a história da mentalidade. Talvez, ao invés de falar em “história da mentalidade”, fosse mais interessante falar em “história psicossocial”, já que esse parece ser um termo menos controverso e indicando o primado dos aspectos psicológicos sobre as retratações reais no aspecto histórico.

O historiador Marc Bloch escreveu sua Introdução à história, tornando-se um dos fundadores da história dos Annales, que buscava mudar a concepção para entender a história como a ciência do passado (BLOCH, 1987, p. 25), mas dos homens, e “temos que acrescentar, ‘dos homens no tempo’” (BLOCH, 1987, p. 29), este aspecto da relação antropológica e temporal passou a ter uma enorme relevância. E o tempo, é mais do que a soma de instantes, é “o próprio plasma em que banham os fenômenos, e como que o lugar de sua inteligibilidade” (BLOCH, 1987, p. 30). Ora, se plasmar e moldar implicam em acomodar e dar uma forma, é no tempo – em função dele - que o homem se torna quem é.

As ilhas britânicas, conhecidas como Bretanha foi parte do continente europeu até o fim da Idade do Gelo pelo ano de 6.000 a.c, quando, através do derretimento formou o que temos até a atualidade conhecido como Canal da Mancha. Durante os 350 anos de ocupação do Império Romano, a Inglaterra foi uma colônia. Após a derrota de tribos locais, entre eles os celtas, os romanos tomaram conta da região. Todavia, muito de sua cultura ficou em monumentos civis e militares tais como fortalezas, muralhas, e edifícios e estradas longas e retas para fácil movimentação interna. Apesar do crescimento do cristianismo por toda a Grã-Bretanha, o início do século V testemunhou uma série de invasões feitas pelos povos de anglos, saxões, jutos, pictos, entre outros. Diante destas invasões e do morticínio que ocorria particularmente na região sul da Inglaterra, cuja terra era mais plana e cultivável, muitos cristãos buscaram refúgio nas chamadas terras altas de Gales, Escócia e na Cornualha. Por um período de quase um século e meio, o Cristianismo foi praticamente extinto na Britânia. Neste mesmo período o Império Romano também se desmoronava e seus soldados foram retirados para defender centros mais importantes de poder (Cf. HUME, 2014, p. 5-10).

1 A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. A Escola dos Annales deixou sua marca bem notável da historiografia desde então e continua existindo até hoje. Desde seu surgimento, passou por quatro fases e teve grandes nomes como representantes de cada uma. A primeira delas, a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre. A segunda fase, já em torno de 1950, é caracterizada pela direção e marcante produção de Fernand Braudel. A partir da terceira geração a Escola dos Annales passou a receber uma identificação mais plural, na qual destacaram-se vários pesquisadores como Jacques Le Goff e Pierre Nora. A quarta geração da Escola dos Annales é referente a um período que se inicia em 1989, neste momento há um desenvolvimento notório da História Cultural e os grandes nomes que a representam são, por exemplo, Georges Duby e Jacques Revel.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

Neste contexto o Papa Gregório o Grande assume o pontificado (590) e se compromete a recristianizar o sul da Inglaterra e em 597 envia um monge beneditino com mais 40 monges para realizar essa façanha. Eles chegam à região de Kent, no sul da Inglaterra e convertem o rei Ethelberto à fé cristã. Juntamente com ele e com sua corte, milhares de pessoas abraçavam a nova fé e Agostinho foi sagrado bispo para estabelecer uma estrutura eclesiástica forte naquela região. A chegada de Santo Agostinho de Cantuária² foi fundamental para uma guinada religiosa no sul da Inglaterra – em que pese seus modos reconhecidamente rudes. Sua visão missionária e a ordenação de outros bispos para adentrarem nas terras inglesas foi igualmente fundamental. Mas a catolicidade, a apostolicidade e a unidade da Igreja não exigiram a *uniformidade* da Igreja na Inglaterra (Cf. HUME, 2014, p. 38).

À medida que a Igreja crescia em todos os quadrantes na Bretanha -tanto ao sul com a missão romana de Agostinho, quanto ao norte com as missões celtas irlandesas e escocesas – tornou-se quase que inevitável o choque das duas tradições. As grandes questões envolviam a liturgia, as cerimônias, a disciplina e o calendário. Em função desse conflito, em 664 o Rei Oswy da Northumbria, convoca o Sínodo de Whitby para deliberar acerca dessas questões definitivamente (Cf. HUME, 2014, p.19-21).

A questão foi decidida em favor da Igreja de Roma. Agora a igreja na Bretanha tinha que se alinhar com o Continente, com o Papa e com suas tradições e costumes. A questão a ser respondida tem a ver com a positividade ou negatividade desse alinhamento. Primeiro, é fato que esse alinhamento nunca aconteceu “de fato” até cerca do ano 1000. Segundo, se a Igreja em Roma permitia ritos como o galicano o mosárabe e o de Milão, para não fazer referências aos ritos Orientais que ainda estavam em comunhão com Roma, creio que a uniformização representou uma perda na rica tradição celta da Igreja autóctone (Cf. HUME, 2014, p. 22-24).

Com a submissão da igreja inglesa à igreja romana houve um aumento na organização com a formação de várias dioceses e, portanto, na sagração de vários bispos que se espalharam pelas principais cidades da Inglaterra. Liturgicamente o uso de Sarum foi substituído pelo rito Romano e a hierarquia romana se estabeleceu. Em que pese essa decisão, nas regiões rurais as pessoas ainda continuavam com o modelo monástico de igreja e com as práticas ancestrais celtas. A uniformização representou um avanço, pois a igreja seria mais rica se permitisse a coexistência pacífica das várias

² Agostinho de Cantuária nasceu em Roma, Itália. Era um monge beneditino do mosteiro de Santo André, fundado pelo papa Gregório Magno naquela cidade. E foi justamente esse célebre papa que ordenou o envio de missionários às ilhas britânicas. Em 597, para lá partiram quarenta monges, todos beneditinos, sob a direção do monge Agostinho. Mas antes ele quis viajar à França, onde se inteirou das dificuldades que a missão poderia encontrar, pedindo informações aos vários bispos que evangelizaram nas ilhas e agora se encontravam naquela região da Europa. Todos desaconselharam a continuidade da missão. Mas, tendo recebido do papa Gregório Magno a informação de que a época era propícia apesar dos perigos, pois o rei de Kent, Etelberto, havia desposado a princesa católica Berta, filha do rei de Paris, ele resolveu, corajosamente, enfrentar os riscos. No Natal de 597, mais de dez mil pessoas já tinham recebido o batismo. Entre elas, toda a nobreza da corte, precedida pelo próprio rei Etelberto. Com esse resultado surpreendente, Agostinho foi nomeado arcebispo da Cantuária, primeira diocese fundada por ele. Agostinho morreu no dia 25 de maio de 604, sendo sepultado na igreja da Cantuária, que hoje recebe o seu nome e ainda guarda suas relíquias. O Martirologio Romano indica a festa litúrgica de santo Agostinho da Cantuária no dia 27 de maio.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

práticas litúrgicas e das várias tradições espirituais que os povos desenvolvem. O que ocorreu com a Igreja da Inglaterra foi apenas um reflexo do que ocorreu com o Império Romano. Ou seja, o que ocorreu com a religião foi um reflexo do que ocorreu com a política. O etnocentrismo da poderosa Roma não permitiria que nem política nem religiosamente, uma longínqua colônia pudesse ter sua autonomia (Cf. HUME, 2014, p. 63-69)

As origens do cristianismo na Grã-Bretanha são tríplices. O Cristianismo foi estabelecido lá, mas tinha pouca influência no período romano. Depois dois missionários celtas pregaram o evangelho no norte e Agostinho (de Cantuária) trouxe as Boas Novas de Roma para o sul. Os costumes celtas cederam à dominante forma romana e latina do Cristianismo ocidental. Enquanto o Cristianismo britânico permaneceu como parte da Igreja no Ocidente, uma expressão bem diferente de Cristianismo estava se realizando no Oriente. Foram o pensamento e a língua gregos e não latinos que dominavam. Com o passar dos séculos, o Leste e o Oeste se separaram, até que Roma e Constantinopla, representando os ramos ocidental e oriental da Igreja uma, santa, católica e apostólica, acabaram com a comunhão entre elas no século XI. Essa divisão infeliz ainda existe, embora muito esforço estas sendo investido na reconciliação das igrejas.” (BAYCROFT, 2006, p. 53)

Com a conquista normanda, no ano de 1066, todos os monarcas ingleses são descendentes diretos de Guilherme, o Conquistador. Quando a coroa passa para um descendente que não seja filho, implicava na mudança de nome da família reinante e com isso a mudança de dinastia. As regras de sucessão no trono inglês que permanecem até a atualidade, apesar de favorecer aos homens, na Inglaterra já teve seis rainhas como chefes supremas do país, sendo que atual reinante é Elizabeth II. Na época dos normandos até a Revolução Gloriosa³ a monarquia foi absoluta, hoje com algumas praxes mais democráticas, sendo que o líder político de representatividade do país no exterior é o Primeiro Ministro, eleito por voto popular.

Na obra de Henry Bettenson “*Documentos da Igreja Cristã*” editado pela Editora Aste, tem-se uma compilação de porções de documentos de época, é o que seria o mais próximo de fontes primárias. Todavia, não se pode dizer que seja fonte primária por tratar-se de uma tradução. Considera-se ser importante esse contato direto com os documentos históricos. Toda a narrativa historiográfica é importante, mas fica esvaziada sem o acesso à fonte primária. Sempre houve uma tensão em relação à Igreja na Inglaterra e o Bispo de Roma no decorrer dos séculos da cristandade. Essa tensão repousava sobre a questão da autoridade. Os monarcas ingleses e o alto clero na Inglaterra sempre contestaram a interferência do Papa nas questões internas (Cf. BETTENSON, 1967, p. 201-205).

Essa discussão foi acentuada com a conquista normanda e a coroação, em 1066, de Guilherme I, o conquistador. Guilherme I não permitiu que o papa interferisse nos assuntos ingleses, temporais e espirituais. O rei via como legítimo o seu domínio sobre tudo que estivesse em solo

³ A Revolução Gloriosa foi a última fase da Revolução Inglesa, iniciada em 1642. Com a deposição de Jaime II e a ascensão de Guilherme de Orange ao poder na Inglaterra, essa revolução mudou a política ao decretar o fim do poder absolutista e o surgimento de uma monarquia constitucional, ou seja, o rei permaneceria no trono inglês, mas com poderes reduzidos. Esse evento foi importante para o fortalecimento da burguesia.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

inglês, fossem bens ou pessoas, sejam nos negócios temporais ou religiosos. Inclusive Guilherme I considerava-se como o cabeça da Igreja na Inglaterra, ele mesmo indicava e investia Bispos e Abades, e criou barreiras que impediam as interferências de Roma. Decretos reais impediam que qualquer nobre ou clérigo inglês fosse excomungado por Roma sem o consentimento da coroa, nenhum Bispo poderia sair do país sem autorização e, tão pouco, qualquer epístola ou instrução do Papa poderia ser recebida pela igreja, lida ou divulgada, sem antes passar pelo crivo real. Tendo Lanfranc, um antigo aliado, como arcebispo de Cantuária, Guilherme conseguiu reformar estruturalmente a Igreja na Inglaterra, sem, contudo, alterar qualquer doutrina ou liturgia. Em termos doutrinários, Lanfranc estava alinhado com a igreja no continente, curiosamente foi um dos grandes defensores da presença real nos elementos do pão e do vinho na Eucaristia, sendo um dos primeiros a utilizar as categorias aristotélicas para defesa dessa premissa, que viria a estabelecer a doutrina da Transubstanciação (Cf. BETTENSON, 1967, p. 205-206).

Somente com Anselmo, consagrado arcebispo de Cantuária em 1093, Roma volta a ter alguma influência na Igreja Inglesa. Mesmo assim, os atritos nos reinados de Guilherme II e Henrique I perduraram, estendendo-se nos reinados de Henrique II e Ricardo I. Com a ascensão de João I (mais conhecido como João sem-terra) em 1199, os conflitos com o papado se acirraram ainda mais. Esse rei desastroso onerou toda a Inglaterra com altos tributos e entrou em confronto com o alto clero. Durante parte de seu reinado deixou propositalmente sedes episcopais vagas com o objetivo de apropriar-se de suas rendas. Rejeitou a escolha feita pelo Papa Inocêncio III para que o cardeal Stephen Langton ocupasse a sé de Cantuária. Com isso a crise com Roma chegou ao seu auge. Em 1208 o Papa decretou um interdito sobre a Inglaterra. As igrejas foram fechadas, as missas suspensas, ofícios proibidos, sendo apenas o batismo e os ofícios fúnebres permitidos. Em 1209 o papa excomungou o rei. Somente em 1213, diante de uma emitente invasão francesa e de um trono sob ameaça papal de deposição e ruína, o rei John faz uma declaração de entrega do reino da Inglaterra ao Papa. Em 1215 os barões ingleses demonstram seu descontentamento com o rei e com o papa, impondo a Magna Carta ao rei. Uma das principais cláusulas desse documento estabelecia que "a igreja da Inglaterra seja livre" (Cf. BETTENSON, 1967, p. 206-214).

Com o cativo babilônico⁴ papal de 1309 a 1377, durante o qual todos os papas foram franceses e obrigados a permanecerem em Avignon, os conflitos entre a coroa inglesa e a tiara papal ficaram ainda mais acentuadas, uma vez que a França era uma antiga inimiga da Inglaterra. Foi esse longo cenário histórico que abriu caminho para as ideias e a pregação de John Wycliffe (1328 - 1384)⁵ e os Lolardos. Contando com a simpatia de nobres e do próprio rei Eduardo III, a pregação de

4 O Papado de Avinhão, conhecido também como "Cativeiro de Avignon", diz respeito a um período da história do papado e da Igreja Católica, compreendido entre 1309 e 1377, quando a residência do papa foi alterada de Roma para Avinhão. À medida que o poder real foi se fortalecendo na França, surgiram conflitos com a Igreja.

⁵ Wycliffe foi um importante teólogo e precursor da reforma protestante conhecido com o título de Estrela da manhã. Na Universidade de Oxford, se destacou nos estudos de teologia, filosofia e direito canônico. Ordenado sacerdote e depois serviu como professor no Balliol College, na mesma universidade. Em 1365 tornou-se bacharel em teologia e, em 1372, doutorou-se em teologia. Assumindo a posição de um teólogo efervescente para a época, logo destacou-se pela firme defesa dos interesses nacionais contra as demandas do papado,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

Wycliffe ganhou força e não pôde ser impedida pelo alto clero da igreja. Essa simpatia em grande parte se deu pela oposição veemente de Wycliffe ao poder temporal do Papa (Cf. BETTENSON, 1967, p. 215-218).

A pregação de Wycliffe e dos Lolardos tiveram três pontos principais: sobre a autoridade eclesiástica, sobre a moral e sobre doutrina. Sobre autoridade: O papa não deve ter poder temporal; A sé de Roma não está acima de qualquer outra igreja; repúdio ao sistema papal e sua extinção. Sobre moral: denúncia e condenação da corrupção e decadência do clero; valorização da santidade. Sobre doutrina: As Escrituras como única regra de fé; conceito de predestinação; conceito de igreja triunfante e igreja militante; reprovação da presença real na Eucaristia; contra o uso de imagens e ornamentos; contra o celibato obrigatório do clero; contra a oração pelos mortos; contra a confissão auricular como necessária ao perdão e a salvação; contra as peregrinações e festas santas (Cf. BETTENSON, 1967, p. 218-219).

Foram essas sementes que décadas depois influenciaram John Hus na Boêmia e cem anos depois frutificaram na Reforma. Um dos grandes feitos de Wycliffe foi a tradução da Bíblia Vulgata em latim para o inglês comum da época. Claro que essa Bíblia em inglês de Wycliffe não teve grande circulação, pois, estamos falando de um tempo anterior ao advento da Imprensa de Gutenberg e, portanto, de um texto que dependia de cópias feitas à mão, além da severa proibição de se ter a Bíblia no vernáculo. Os poucos exemplares que existiam circulavam de forma secreta. De qualquer forma, foi essa Bíblia que orientou as pregações dos Lolardos (Cf. BETTENSON, 1967, p. 220-225).

Antes de mais nada, é preciso compreender que a relação entre a monarquia e o papado era extremamente complexa e envolvia inúmeros instrumentos. Também não há como negar, como ressalta Robert Nichols, que “O espírito do nacionalismo que se vinha desenvolvendo na Inglaterra preparou o caminho para a obra de Wycliffe” (NICHOLS, 1985, p. 134). Na realidade, Nichols já deixava claro que desde que Wycliff iniciou sua luta contra o papado em 1375, a Inglaterra, por meio

ganhando reputação de patriota e reformista. Wycliffe afirmava que havia um grande contraste entre o que a Igreja era e o que deveria ser, por isso defendia reformas. Suas ideias apontavam a incompatibilidade entre várias normas do clero e os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos. Segundo Fox “A Igreja caiu nas garras de todas as espécies de extrema tirania. O fato é que a pobreza e simplicidade de Cristo foram transformadas em crueldade e abominação e vida.” (FOX, 2015, p. 55) Wicliff, percebendo que a verdadeira doutrina do Evangelho de Cristo estava adulterada e maculada com invenções sujas e erros graves de bispos e monges, depois de longamente debater e deliberar consigo mesmo, já não podia aceitar esses aflitos e decidiu-se por ajudar a remediar aquilo que na sua visão estava perdido e extraviado. Os escritos de Wycliffe em seus seis últimos anos incluem contínuos ataques ao papado e à hierarquia eclesiástica da época. Entretanto, nem sempre foi assim. Seus primeiros escritos eram muito mais moderados e, à medida que as relações de Wycliffe com a Igreja foram se deteriorando, os ataques cresceram em intensidade. Wycliffe criticava a doutrina da transubstanciação, através da qual, pelas palavras de um sacerdote, durante a eucaristia, o pão e o vinho transformavam-se no corpo e no sangue de Jesus Cristo. O teólogo inglês partiu de um posicionamento realista para poder realizar essa crítica doutrinária ao catolicismo, afirmando que a transubstanciação era decorrente de fantasias infieis e infundadas, levando ainda à adoração idólatra dos alimentos. Entretanto, as práticas de Wycliffe iam ainda mais abaixo na estrutura social do período. Seguindo sua interpretação de que a salvação ocorria pela fé e de que a autoridade religiosa residia nas escrituras, Wycliffe decidiu traduzir a Bíblia para o inglês. Essa ação iniciou uma nova prática de evangelização, ensinando camponeses e as camadas populares a ler para poderem conhecer e interpretar as escrituras. Wycliffe influenciou posteriormente outros críticos da Igreja católica como João Huss, Martinho Lutero e João Calvino. Suas obras foram proibidas, sendo suas ideias condenadas pelo Concílio de Constança, em 1415.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

de seus reis, parlamento e mesmo pelos bispos, já vinha de um conflito que durava cerca de 75 anos resistindo à interferência papal nos negócios da igreja inglesa. De fato, já existia um enorme conflito envolvendo a Igreja e o Trono e que durou toda a Idade Média. Um exemplo disso se pode ver quando a “Magna Carta”⁶, assinada por João sem-terra em 1215 afirmava na primeira cláusula que a “Igreja da Inglaterra” será livre.

Como sabemos, a Idade Média tinha como modelo econômico o feudalismo que preconizava, dentre outras coisas, a imobilidade social e valorizava fortemente a nobre. O século XIV foi marcado por inúmeras revoltas entre os camponeses e os Lolardos contra os nobres. Ora, segundo Nichols (1985, p. 135) Wycliffe era padre em Lutterworth:

quando alcançou a extrema simpatia das classes pobres. Sua primeira investidura foi contra o suposto direito do papa de cobrar impostos ou taxas na Inglaterra. [...] Denunciou então o papado e toda a organização clerical, sustentando a tese de que não deveria haver distinção de classes dentro do clero. Indo além, chegou a negar fundamento bíblico à doutrina da religião medieval, a transubstanciação. (sic)

Em razão de seus ensinamentos Wycliffe foi condenado por um concílio eclesiástico. Em reação à condenação ele faz seu grande apelo ao povo inglês. Escrito em linguagem acessível ao povo comum, ele ataca o sistema eclesiástico medieval e declara ser a Bíblia nossa única e verdadeira regra de fé e de prática. Afirmou também que “a Bíblia e não a igreja era a autoridade única para o crente e que a Igreja Romana deveria se modelar segundo o padrão da Igreja do Novo Testamento” (CAIRNS, 1995, p. 206). Por via de consequência, ele traduz a Bíblia da Vulgata para o Inglês.

As doutrinas de Wycliff acabaram por fazer surgir um grupo conhecido como “lolardos”. Conforme explica Justo Gonzales, este era um “termo pejorativo que seus inimigos aplicavam para eles, e que se deriva de uma palavra holandesa que quer dizer ‘murmuradores’” (GONZALES, 1989, p. 89).

Segundo Walker:

A fim de levar o evangelho ao povo, Wycliff começou a enviar seus “sacerdotes pobres”. Em pobreza apostólica, sem sapatos, vestindo compridas túnicas, com um bordão nas mãos, iam de dois em dois como os antigos pregadores valdenses ou franciscanos. [...] Enorme foi seu êxito (WALKER, 1981, p. 376).

Embora boa parte dos Lolardos fossem estudantes oriundos de Oxford, onde Wycliff ensinava, a maioria era constituída de gente simples de sua paróquia. Embora perseguidos até o século XV, portanto bem depois da morte de Wycliffe, eles continuaram sua obra até o tempo da Reforma. Vale lembrar que muitos boêmios que estudavam em Oxford levaram consigo essas teses que vieram, mais tarde, a influenciar João Huss.⁷

⁶ A Magna Carta foi um documento assinado em 1215 para limitar os poderes da monarquia na Inglaterra. Na época, a carta foi assinada pelo rei João, que se encontrava no trono inglês.

⁷ João Huss nasceu em 1369 (ou 1371) na Boêmia, onde hoje se localiza a República Tcheca, Jan Huss teve uma formação filosófica e teológica, apesar de ser oriundo de família humilde. Na Universidade de Praga,



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

É claro que as teses de Wycliff desagradaram tanto à igreja quanto ao trono. Se por um lado suas querelas com a igreja já foram explicitadas acima, seu problema com a Coroa dizia respeito à sua tese de que todos os cristãos são iguais perante Deus, aplicados à vida econômica do povo, acabou por gerar a Revolta dos Camponeses de 1381. Isso acabou, obviamente, desagradando às autoridades civis. Como consequência disso ele foi silenciado.

Durante a Baixa Idade Média a Inglaterra sofrera com muitos conflitos internos e externos. Duas guerras, uma nacional contra a França que ficou conhecida como Guerra dos Cem anos, e outra civil pela sucessão do trono inglês. A Guerra civil foi a Guerra das Duas Rosas, e iniciou-se com uma disputa pela sucessão do trono inglês e que enfraquecia ainda mais a nobreza. Essa nomenclatura, pois, devido as duas rosas que faziam parte do brasão das duas famílias em disputa (York e Lancaster) que após a sua unificação abriu caminho para a centralização política do país (Cf. VICENTINO; DORIGO, 2001, p.149).

Todavia, Inglaterra e França no mesmo contexto de poder e soberania não se encontravam em relações harmoniosas há muito tempo. Um conflito de grandes proporções estabeleceu-se entre as duas nações que ficou conhecido como “A Guerra dos cem anos”, teve sua origem na disputa por território e nacionalidade no norte da França, a região de prosperidade têxtil de Flandres (atualmente o país Bélgica). A Inglaterra no início dessa guerra conseguiu vitórias substanciais, todavia nos anos finais muito também influenciado pelo destino da pandemia de peste negra e a guerra civil interna a Inglaterra leva um revés da França e acaba perdendo esses territórios muito com a investida de Joana D` Arc e a coroação de Carlos de I no final dessa peleja (Cf. VICENTINO; DORIGO, 2001, p.149).

Após anos de uma guerra desgastante civil, a dinastia Tudor irá estabelecer a paz e confiança nacional, concretiza com a separação da Igreja Romana e nacionalização de sua institucional religiosa conhecida como Igreja da Inglaterra ou Igreja Anglicana. As grandes mudanças políticas que estavam ocorrendo na Europa, associadas às mudanças sociais, científicas, econômicas e às insatisfações religiosas com a prática da venda das indulgências, do celibato clerical, da comunhão em apenas uma espécie e à proibição de se “voltar às origens” (lema do

tornou-se professor de teologia em 1398, sendo ordenado padre em 1400. Estudioso das doutrinas de John Wycliff, de quem adotava algumas ideais, Huss passou a pregar em seus sermões que a bíblia era a grande autoridade dentro do cristianismo e o grande paradigma para a vida do cristão, contrapondo-se à autoridade da hierarquia eclesiástica. Defendia que a comunhão do pão e do vinho deveria ser oferecida a todos os fiéis. Além disso, Jan Huss pregava a ideia de uma Igreja pobre contra a opulência que apresentava a Igreja católica. Para eles, os esforços realizados pelo homem na Terra deveriam aproximá-lo do mundo perfeito de Deus. Tal postura de Huss causou uma forte oposição da Igreja, como era de se esperar. Entretanto, as condições sociais a que estava submetida grande parte da população da região contribuíram para que a situação se tornasse ainda mais conflituosa. A pregação de Jan Huss sobre a criação de um mundo de justiça social entrava também em conflito com a situação de exploração e miséria a que estavam submetidos os camponeses da Boêmia. Para Huss, a desintegração do mundo contemporâneo a ele era o indício do aparecimento do anticristo. Jan Huss foi convocado para o Concílio, portando um salvo-conduto dado pelo rei Segismundo de Luxemburgo para que pudesse apresentar os motivos de suas ideias. Tal medida não impediu que Huss fosse preso durante os sete meses que duraram seu julgamento, e ele não conseguiu convencer os altos dignatários e não renunciou a seus posicionamentos. Foi condenado por heresia pelo Concílio e no dia 06 de julho de 1415 foi queimado na fogueira.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

Renascimento) na esfera religiosa, foram todas elas antecipadas pelas teses dos pré-reformadores que acabaram por encontrar na figura de padre agostiniano alemão chamado Martinho Lutero, aquele que encontraria o ambiente mais adequadamente preparado para produzir o que chamamos hoje de Reforma Protestante. A influência de Wycliff e de suas ideias sobre esse monge e professor na Universidade de Wittenberg é notória. Segundo o historiador Mondin:

A Reforma protestante foi um acontecimento e essencialmente religioso, mas cravou ao mesmo tempo profundas transformações políticas, sociais, economias e culturais. Também no desenvolvimento da filosofia a sua influência foi decisiva, e especialmente na filosofia alemã, mas também na francesa, inglesa, americana, italiana em uma palavra, em toda filosofia moderna. Isto justifica e exige um estudo bastante amplo e aprofundado sobre as causas, os autores e os ideais da Reforma protestante. As causas são de ordem religiosa, política, social e ideológica (MONDIN, 2011, p. 30)

Ginzburg, após uma apurada pesquisa, esclarecendo os fatos através das pistas e do método do paradigma indiciários, escreve uma interpretação diferenciada sobre o apelo social da feitiçaria durante a Idade Média o período das Inquisições. O estudo dos relatórios e processo canônicos que passavam exclusivamente pela Igreja Romana traz uma história abafada por preconceito, medo e perseguição. O estudo apurado, as leituras desses documentos produzirão a escrita e a escrita é parte final da pesquisa.

Que fique bem claro: estou longe de pensar que as respostas específicas que dei à minha pesquisa eram determinadas psicologicamente. Pergunto-me se, para serem aceitas, elas não tiveram de ajustar as contas com um veto psicológico inconsciente que teria podido repeli-las como absurdas ou infundadas. Se esse veto existe, como creio (claro que não só no meu caso), posso compreender retrospectivamente por que a minha decisão de vetar o dilema de que falava tenha sido aceita (GINZBURG, 2011, p. 310).

O não achado, o não respondido, parte do estudo de uma verdade obtida onde o resultado será expor o resultado esse processo. A alternância entre a história do ponto macro e micro permitem enxergar os objetos em ficar preso em um dos níveis. Alguns historiadores procuraram uma visão de “meso-abordagem” como o português Justino Magalhães, em seus estudos sobre instituições educativas. Segundo Ginzburg: “Os obstáculos postos à pesquisa eram elementos constitutivos da documentação, logo deviam tornar-se parte do relato; assim como as hesitações e os silêncios do protagonista diante das perguntas de seus perseguidores – ou das minhas” (GINZBURG, 2011, p. 265).

As fases para construção de uma escrita histórica contundente são as seguintes: em primeiro momento a identificação do objeto, em um segundo momento a elaboração das categorias dele, em um terceiro momento os critérios de sua evidência no contexto histórico e social, e por último os resultados e conclusões dessa análise.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

2.1 PERÍODO DO REINADO DE HENRIQUE VIII

Henrique VIII sucede a seu pai Henrique VII, tendo sido o segundo na linha sucessória que tinha seu irmão Arthur, falecido em 1502. Henrique irá assumir o trono aos 17 anos sem qualquer dificuldade, uma vez que seu pai deixou um reino unificado e economicamente próspero. Henrique VIII foi em seus dias, o alto modelo ou padrão de um príncipe renascentista, de porte atlético que lhe permitia participar do padrão de sociabilidade da Renascença, erudito e de profundo conhecimento teológico, tendo sido bem-preparado eclesiasticamente, músico e poeta, Henrique VIII foi sem dúvida um Príncipe completo e suficiente em todas as áreas esperadas para sua época (Cf. BETTENSON, 1967, p. 269-270).

Quando o rei Henrique VIII sobe ao trono em 1509, a Inglaterra vivenciava, de um lado, a predominância do espírito de contestação quanto à interferência da sé romana nos negócios e na Igreja da Inglaterra, e por outro lado a reverberação das ideais reformistas de Wycliffe, sempre presentes através da pregação dos Lolardos. Outro fato incontestável é que as ideais de Martinho Lutero começavam a se espalhar por todo o país, principalmente nas universidades, influenciando homens como Thomas Cranmer, Matthew Parker e Hugh Latimer⁸, que mais tarde ocupariam importantes cargos eclesiásticos. Os problemas existentes entre Henrique VIII e o papa, particularmente no que diz respeito às questões matrimoniais relativas à sua separação de Catarina de Aragão para se casar com Ana Bolena, já são por demais conhecidas (Cf. BETTENSON, 1967, p. 270-271).

Desejoso de ter um herdeiro que jamais vinha, entendeu que seu casamento estava sob juízo de Deus e pretendeu sua anulação. O papa bem que gostaria de conceder a anulação a Henrique, “contanto que pudesse encontrar um meio de assim fazer sem ofender o imperador Carlos V, que era sobrinho da rainha Catarina e a quem temia com medo mortal”. Este problema pessoal, que acabaria servindo de pretexto para a ruptura com Roma, fez com que o rei se aproximasse da crescente tendência antipapista que queria uma Igreja nacional, separada do poder centralizador da sé romana (Cf. BETTENSON, 1967, p. 272-273).

Entretanto, o sucesso de Henrique VIII não teria sido maior na primeira fase de seu reinado se não houvesse um grande aliado, o Cardeal Wolsey⁹, que de origem humilde, por muito pouco não

8 Hugh Latimer (1487 - 16 de outubro de 1555) foi um membro do Clare College, Cambridge, e bispo de Worcester durante a Reforma, e mais tarde capelão da Igreja da Inglaterra do rei Eduardo VI. Em 1555 sob a rainha católica Mary I, ele foi queimado na fogueira, tornando-se um dos três mártires do anglicanismo de Oxford. Em 1535, foi nomeado bispo de Worcester, em sucessão a um ausente italiano, e promoveu os ensinamentos reformados e a iconoclastia em sua diocese. Em 22 de maio de 1538, por insistência de Cromwell, ele pregou o sermão final antes que o frade franciscano John Forest fosse queimado na fogueira, em um incêndio que teria sido alimentado em parte por uma imagem galesa de Saint Derfel. Em 1539, ele se opôs aos Seis Artigos de Henrique VIII, com o resultado que foi forçado a renunciar ao seu bispado e preso na Torre de Londres (onde estava novamente em 1546). Ele então serviu como capelão da duquesa Katherine de Suffolk. No entanto, quando a irmã de Eduardo VI, Mary I, subiu ao trono, ele foi julgado por suas crenças e ensinamentos em Oxford e preso. Em outubro de 1555, ele foi queimado na fogueira perto do Balliol College, em Oxford.

9 Tomás Wolsey (Ipswich, Suffolk, março de 1471 — Leicester, 29 de novembro de 1530) foi um poderoso estadista, Cardeal da Igreja Católica e Lord Chancellor da Inglaterra ao tempo de Henrique VIII. Em 26



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

se tornou papa. Wolsey sob o *'legatus a latere'* concedido pelo papa governou toda a Igreja da Inglaterra, submetendo-a aos seus projetos ambiciosos. Boa parte do clero passa a ver com nostalgia os tempos de Henrique VII e uma nova geração de sacerdotes vai surgindo com a inspiração das ideias reformistas alemãs (Cf. BETTENSON, 1967, p. 273).

Foi no reinado de Henrique VIII que a disputa sobre a Autoridade foi definitivamente resolvida com o "Ato de Supremacia" de 1534, colocando um fim em qualquer influência papal sobre os assuntos ingleses. Agora, o monarca inglês era o cabeça da Igreja da Inglaterra. Mas, poucas mudanças doutrinárias ou litúrgica ocorreram. Henrique VIII se manteve fiel ao legado doutrinário de Roma. Mesmo assim, sua ânsia em eliminar qualquer reduto papista, somada as necessidades financeiras da coroa, fez com que em 1535, com a articulação de seu conselheiro Thomas Cromwell e a aprovação do Parlamento, o Rei fechasse e destituísse todos os bens e propriedades dos mosteiros na Inglaterra. Com isso 376 mosteiros e congregações religiosas foram encerradas e suas riquezas expropriadas pela coroa (Cf. BETTENSON, 1967, p. 274-276).

A Reforma Henriquina é frequentemente articulada com a tríade "Humanismo/Classicismo/Renascimento", dadas as relações de contemporaneidade entre todos estes factos e momentos marcantes da história, do pensamento e da cultura europeus, na alvorada da Idade Moderna. Tendo em vista, porém, incentivar os estudantes a uma questionação e problematização constantes e permanentes dos conhecimentos adquiridos (neles incluindo os preconceitos, as ideias feitas e os lugares-comuns), recordar-se-á telegraficamente que também a Idade Média teve os seus próprios humanistas, alguns dos quais, aliás, (des)esperam e (re)clamam (por) redescobertas ou revisitações da comunidade universitária portuguesa; que também a Idade Média contribuiu para a preservação, transmissão e recriação da cultura clássica, conforme Curtius magistralmente demonstrou; e, finalmente, que, entre outros "renascimentos" detectados no período medieval, se contam, por exemplo, o de Northumbria, o carolíngio, o do séc. XII, o das cidades, etc. (ALARCÃO, 2008, p.142) ¹⁰

Enquanto atos oficiais esmagavam os resquícios da autoridade papal na Inglaterra, nos bastidores da corte e das universidades, os debates sobre as ideias protestantes que vinham do continente, o reavivamento do legado de Wycliffe e a necessidade de uma Bíblia no vernáculo já fervilhavam, tudo seria uma questão de tempo para que, paulatinamente, a Reforma se instaurasse. Desde as pregações de Wycliffe e os Lolardos, ainda no século XIV, questões doutrinárias eram discutidas na Inglaterra em contraposição aos dogmas de Roma. A Bíblia de Wycliffe em inglês circulou entre seus discípulos e deu voz a pregação do verdadeiro Evangelho. As sementes plantadas por Wycliffe e os Lolardos encontraram solo fértil nos debates religiosos do século XVI e

de março de 1514 foi ordenado bispo de Lincoln e em 1515 tornou-se cardeal da Igreja Católica e arcebispo de lorque. Contra o magistério da Igreja e a sua doutrina sabida, inutilmente tentou obter junto ao Papa o divórcio do rei. Não teve sucesso, e caiu em desgraça perante o soberano. Foi sucedido na chancelaria por Sir Thomas More. Wolsey não quis, porém, apoiar o rei no seu pedido de anular o casamento com a Catarina de Aragão, e viu-se numa situação diplomática e política complexa, já que nem o Papa nem os parentes de Catarina concordavam com o divórcio. Com essa postura, o Cardeal desagradou ao rei, que o fez inimigo da sua amante, que mais tarde seria a rainha, Ana Bolena, e todo o seu poder e adornos foram destruídos. Wolsey permaneceu arcebispo de lorque, mas em Yorkshire foi acusado de traição, sendo assim chamado de volta a Londres. Contudo, morreu de causas naturais no caminho.

¹⁰ ALARCÃO, Miguel. Antecedentes Medievais da Ruptura com Roma.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

reforçou as ideias de Lutero que começavam a circular pela Inglaterra. A tradução de Tyndale do Novo Testamento já se espalhava por toda a Inglaterra desde 1525, e muitos foram convertidos à fé evangélica. Pessoas comuns e membros da aristocracia abraçaram a fé verdadeira com a leitura da Bíblia em inglês e começaram a contestar as doutrinas papistas. Pessoas como Anne Askew, citada por John Foxe, mulher culta da aristocracia, deixou o marido católico romano e apoiou a causa da reforma, exercendo influência entre as mulheres da nobreza inglesa. Foi torturada e por fim sentenciada, com outras quatro pessoas, à fogueira em 1546, por manter sua fé evangélica e apoiar as ideias da Reforma. (Cf. BETTENSON, 1967, p. 277).

Segundo a historiadora Edi Ferreira Carreira (2018), “os mosteiros e conventos foram suprimidos entre 1536 e 1540. Os privilégios legais e financeiros do clero diminuíram. Os dias dos santos diminuíram desde 1536. As peregrinações, veneração de relíquias e as ofertas a imagens foram proibidas desde 1536” (CARREIRA, 2018, p. 44).

Henrique VIII morre em 28 de janeiro de 1547, depois de 37 anos de um forte e contundente reinado, deixando a coroa para seu filho de 9 anos, coroado como Eduardo VI. Com a minoridade do rei, toma posse para tutorar e administrar os assuntos do reino um conselho de dezesseis homens sob a liderança de Edward Seymour, Duque de Somerset, tio de Eduardo e irmão mais velho de sua mãe Jane Seymour [Tanto a família Seymour de Edward, quanto a família Bouchier de Anne a esposa de Edward recebiam grande influência dos reformadores do continente, especialmente Calvino, como pode-se notar pela correspondência que trocavam e pelo fato de Calvino ter sido presenteado por Elizabeth Bouchier com um anel de família, sinal de respeito, admiração e gratidão]. Edward Seymour assume o poder como Lorde Protetor da Inglaterra abrindo espaço para o avanço da Reforma. Já na primeira reunião do Parlamento em 1547, a missa de abertura foi, em grande parte, realizada em inglês e algumas inovações litúrgicas foram incrementadas pelas mãos de Cranmer (Cf. BETTENSON, 1967, p. 276).

As palavras de exortação, o convite para a confissão comunitária, a absolvição e a oração de humilde acesso são dessas inovações conforme vemos no LOC:

Não ousamos vir a esta Sagrada Mesa, ó boníssimo Senhor, confiados em nossa retidão, mas em vossas muitas e grandes misericórdias. Nem ao menos somos dignos de apanhar as migalhas caídas debaixo de vossa mesa. Porém, vós ó Deus, sois sempre o mesmo; sempre misericordioso por natureza: concedei-nos, pois, por vossa grande benignidade, que de tal modo comamos a carne de vosso amado Filho Jesus Cristo e bebamos o seu sangue, que nossos corpos pecadores sejam purificados por seu corpo e as nossas almas lavadas por seu preciosíssimo sangue, que sempre vivamos nele e ele em nós. Amém (LOC 1549, p 232, 2015).

2.2 PERÍODO DO REINADO DE EDUARDO VI

Depois da morte de Henrique VIII, assume o trono Eduardo VI, que por ser ainda muito jovem, recebe como “protetor” o duque de Somerset. Este período será marcado por uma grande influência protestante principalmente em questões litúrgicas. Os Seis Artigos foram abolidos e a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

comunhão passou a ser recebida nas duas espécies; o celibato clerical foi revogado; as imagens foram retiradas e da missa foi eliminado seu caráter sacrificial através da aprovação pelo Parlamento do Livro de Oração Comum (1549) redigido por Cranmer (Cf. CAIRNS, 1995, p. 318).

Eduardo VI ascendeu ao trono em 1547, por ocasião da morte de seu pai; na ocasião, ele era um menino extremamente frágil de saúde, cuidado com toda a tenção, pois tinha somente 9 anos de idade. Era cercado dos parentes mais próximos, e Henrique, antes de falecer havia escolhido para tutor da criança a Eduardo Seymour, Conde e, mais tarde, Duque de Somerset. Eduardo Seymour, era irmão da mãe do rei menino, Jane Seymour. Ele era um reformista de primeira hora, bem como sua irmã, e ao assumir o cargo de tutor, presidiu, também, o Conselho de Regência e tomou o poder em suas mãos. Nesta época, os principais aliados de Henrique quanto ao catolicismo, ou haviam falecido, ou estavam na prisão por divergências com o velho rei. Chegara a hora do partido protestante, até então na surdina, por causa de Henrique, alegrar-se. Seria agora, pensavam, que a reforma doutrinária ia começar na Inglaterra, como veremos. Com a chegada do menino a Londres, a capital do reino, e confirmada a sua coroação, mesmo tão jovem, enquanto o Tudor tirano jazia no seu esquife em 27 de janeiro de 1547, as almas protestantes ressoavam sinais de alegria (SIMÕES, 2015, p. 69).

Com a substituição de Somerset por Warwick, a Igreja da Inglaterra recebeu uma influência calvinista ainda maior. Esta influência se manifestou principalmente na reforma do Livro de Oração Comum – na substituição dos altares de pedra por mesas de madeira, abolindo a oração pelos mortos e reduzindo as vestes litúrgicas – e na publicação de uma confissão de fé conhecida como Os Quarenta e Dois Artigos. O que estava por trás de tudo isso era o desejo de Cranmer de simplificar a complexa estrutura das cerimônias medievais aproximando a liturgia inglesa o mais possível das práticas da Igreja primitiva (Cf. CAIRNS, 1995, p. 320).

Em 1548, iniciando pela Catedral de St. Paul's, os coros passaram a cantar em inglês e uma nova "Ordem da Comunhão" em inglês foi aprovada, ao mesmo tempo em que um grupo de Reformadores do continente se abrigavam na Inglaterra, entre eles Peter Vermigli (lecionou em Oxford) e Martin Bucer (lecionou em Cambridge), que influenciaram fortemente Thomas Cranmer. Em 1549 o parlamento aprova pelo "Ato de Uniformidade" o "Livro de Oração Comum e Administração dos Sacramentos e Outros Ritos e Cerimônias da Igreja: à forma da Igreja da Inglaterra", e obrigava sua utilização sob pena de prisão. O primeiro Livro de Oração Comum teve contornos luteranos e foi na visão de muitos um modesto avanço. A intenção de Cranmer nesse momento era atender o caráter moderado de Edward Seymour e conciliar as diversas posições religiosas. Ao mesmo tempo que trazia inovações significativas, o Livro de Oração Comum¹¹ (LOC) de 1549 acentuava a

11 Livro de Oração Comum (Common Prayer Book) o primeiro Livro de Oração Comum, produzido na Inglaterra em 1549 pelo reformador e bispo Thomas Cranmer trouxe os princípios da teologia reformada para o centro da adoração anglicana, abolindo vícios romanistas criticados pela Reforma em geral. Esse "tom protestante" acentuou-se ainda mais em sua 2ª versão (a de 1552). Porém, em 1559, a Rainha Elizabeth I publicou uma 3ª versão que trouxe um maior equilíbrio entre a tradição medieval e os preceitos reformados, contribuindo para o estabelecimento definitivo da chamada "Via Média Anglicana A versão elisabetana, com a adição do Catecismo, de uma seção sobre os sacramentos e outras mudanças menores introduzidas em 1604 pelo rei James I, resultou na publicação daquela que se tornou sua versão oficial até os dias de hoje, na Igreja da Inglaterra, isto é, o LOC (como é conhecido) de 1662. Com o surgimento da Comunhão Anglicana um Livro de Oração Comum com variações locais é usado nas diversas igrejas anglicanas ao redor do mundo, em mais de 165 países e em



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

continuidade da adoração católica. Ao mesmo tempo em que extraía todas as formas de superstição, preservava aspectos da tradição litúrgica. A liturgia da Ceia do Senhor foi modificada e modelada a partir do Rito de Sarum; o ofício do Batismo manteve as tradicionais cerimônias de exorcismo, crisma e unção; a Confirmação orientava a imposição de mãos do Bispo, mantendo-se o sinal da cruz na frente; o Ofício Fúnebre permaneceu com a oração de encomendação da alma para Deus e a oração pelos mortos (Cf. CAIRNS, 1995, p. 321).

Outro mentor nesta versão da Reforma Inglesa foi Thomas Cranmer (1489-1555), um acadêmico que se tornou arcebispo de Cantebury em 1533. Cranmer foi influenciado por Martinho Lutero, e ajudou a segurar que a nova Igreja da Inglaterra – a Igreja Anglicana – fosse essencialmente protestante sem eu caráter, mais do que simplesmente uma versão menor, copiada da Igreja Católica Romana, Cranmer escreveu os dois primeiros volumes de uma obra de grande importância litúrgica e catequética “O LOC – Livro de Oração Comum” que é um livro de preces e liturgia para o uso oficial nas Igrejas Inglesas. O fato de que fora escrito em inglês em vez de latim, já o caracterizava e dava-lhe ares particulares, além de, ao longo do texto. Faltarem muitas características católicas, com o por exemplo a representação da Eucaristia como sacrifício. O livro surgiu em 1549, mas Cranmer já estava se sentindo mais protestante depois de sua publicação e escreveu uma segunda edição em 1552, que levou aquele período a Igreja Anglicana para uma direção mais protestante.” (BAYCROFT, 2016, p. 56)

O LOC 1549 foi em geral bem recebido, mas no extremo sudoeste da Inglaterra fortes campanhas foram feitas contra o novo livro que ainda não atendia o clamor por reformas mais profundas. Rebeliões inicialmente ocorreram na Cornualha e posteriormente em Norfolk, enfraquecendo o conselho de regência e o poder de Edward Seymour. John Dudley, então conde de Warwick (Norfolk) vê a oportunidade de afastar Seymour e assumir o poder. Em outubro de 1549 Edward Seymour foi aprisionado na torre e suas propriedades confiscadas [situação mencionada na carta de Calvino]. Com isso John Dudley assume a liderança do conselho e se torna Duque de Northumberland (Nortúmbria) e Lorde Protetor. Sem grandes convicções religiosas, John Dudley anseia por profundas reformas políticas e administrativas na Inglaterra, e com isso encontra apoio no partido daqueles que anseiam por profundas reformas religiosas (Cf. CAIRNS, 1995, p. 322).

Dessa forma a Reforma Inglesa avança para implementar mudanças mais profundas. Já em 1550 houve um ato contra as imagens e a implementação de uma prática iconoclasta nas paróquias. Nicholas Ridley, agora Bispo de Londres, determinou a remoção dos altares de pedra, proibiu o seu clero de utilizar gestos e formas que lembrassem a antiga missa romana, como beijar a mesa do Senhor, purificação das mãos, tocar a sineta, elevação dos elementos e a utilização de velas sobre a mesa. Para Ridley todos esses gestos eram “simulações da missa papista”. John Hooper, indicado para Bispo de Gloucester, recusou-se a utilizar vestes como a capa em sua consagração e declarou não concordar com nenhuma cerimônia que não pudesse ser provada pelas Escrituras. Enquanto isso Cranmer, que já vinha avançando em sua teologia para encontrar uma síntese entre Augsburg e Genebra, conta com figuras como Martin Bucer e John Knox. Isso levou a revisão do LOC e uma

mais de 150 idiomas diferentes. Na verdade, em algumas partes do mundo, o LOC de 1662 permanece autoritativo.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

nova versão foi autorizada pelo parlamento em 1552, por um novo Ato de Uniformidade (Cf. CAIRNS, 1995, p. 323).

O jovem e frágil rei Eduardo VI, nos anos de 1550 e início de 1552, passou por algumas enfermidades, dentre elas sarampo e varíola, por fim, foi acometido por uma infecção tuberculosa e em 6 de julho de 1553, o jovem rei Eduardo VI morre aos 15 anos de idade. Antes da morte do rei, Dudley costurou um acordo e convenceu o jovem rei enfermo a nomear como sua sucessora a Lady Jane Grey, neta da irmã de Henrique VIII e, não por acaso, nora de Dudley. Esse ato desesperado do Lorde Protetor teve duas motivações claras, primeiro manter o seu poder e segundo evitar que uma católica fervorosa como Mary, a irmã mais velha do rei, ocupasse o trono. A manobra de Dudley deu certo, mas o direito de Lady Jane Grey a coroa foi fortemente contestada e seu reinado durou exatos nove dias.

2.3 PERÍODO DO REINADO DE MARIA I

Com a morte de Eduardo VI (1553), sobe ao trono sua irmã Maria Tudor. Profundamente católica, ela consegue a reconciliação com Roma a 30 de novembro de 1554 e a absolvição do pecado de heresia para toda a nação inglesa. Seu reinado, no entanto, ficará tão marcado pela perseguição que ela receberá o epíteto de “a sanguinária”. De fato, as mais de trezentas execuções – dentre as quais Cranmer e Latimer- imprimiram na consciência dos ingleses um profundo sentimento antipapista. A perseguição imposta por Maria fez com que inúmeros líderes reformados fugissem para o continente, uns para a Alemanha de Lutero e outros para a Genebra de Calvino (Cf. CAIRNS, 1995, p. 330).

Em outubro de 1553 Maria foi coroada, densas trevas se avizinhavam da Inglaterra Protestante, a Reforma Inglesa entraria no crepúsculo de seus tempos áureos, uma grande luta contra as trevas do papismo se postou no horizonte, Maria seria conhecida como a sanguinária. Dudley foi decapitado no mesmo ano, com 288 mártires reformadores e protestantes comuns, entre eles clérigos, crianças e mulheres, foram aprisionados, torturados e queimados nos cinco anos seguintes durante o reinado de da Rainha Maria a Sanguinária “Blood Mary” (Cf. CAIRNS, 1995, p. 325-238).

Maria era a primeira filha de Henrique VIII e Catarina de Aragão. Ela havia nascido em 1516 e este fato foi marcado por festas na corte e em todo reino. No entanto ela era uma mulher e Henrique, como já vimos, desejava ardentemente um herdeiro masculino. Mas ela, sendo a primeira, poderia ser seguida por uma série de irmãos e irmãs. Daí a alegria por ocasião de seu nascimento. Até os 17 anos, Maria viveu na corte com seus pais, gozando de todas as benesses de uma herdeira real. Com o cenário envolvendo Ana Bolena, ela e sua mãe foram jogadas em distantes castelos da família real, contando cada uma com a companhia de um grupo pequeno de servidores e de um confessor católico. Por essa razão, Maria foi criada com uma veneração a Roma e obedecendo, estritamente, as orientações do seu confessor espanhol. Entre estas orientações, havia o seguimento estrito do preceito bíblico de que uma mulher, quando casada, deveria obedecer completamente ao seu marido. Este preceito tinha implicações políticas para o trono inglês, como veremos adiante (SIMÕES, 2015, p. 75).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

2.4 PERÍODO DO REINADO DE ELIZABETH I

Quando Elizabeth assume o trono, com a morte de Maria Tudor, a Inglaterra vivia uma crise religiosa sem precedentes. De um lado o partido Romano, incentivado por Maria, postulava que a Inglaterra voltasse à comunhão com Roma e abjurasse de tudo o que havia sido feito durante o reinado de Henrique e Eduardo. Por outro lado, o partido puritano exigia que a Igreja da Inglaterra acentuasse suas reformas e retirasse todos os elementos que sequer se parecessem com as missas Romanas. Elizabeth preferiu seguir em uma via média entre esses dois extremos, mas mantendo sua condição de Supremo Regente da Igreja ela estabeleceu o Ato de Supremacia e o Ato de Uniformidade, com a finalidade de colocar a sociedade em ordem. Ato contínuo, ela publicou o Livro de Oração Comum e reduziu de 42 para 39 os Artigos de Religião que deveriam ser aceitos pelo clero e por todos os cristãos ingleses (Cf. CAIRNS, 1995, p. 330).

Com a ajuda de Richard Hooker, Elizabeth plasmou o Anglicanismo moderno estabelecendo uma via média no qual, nas palavras do teólogo Hans Kung, o anglicanismo conseguiu “combinar os paradigmas católicos e reformados”, dizendo que o anglicanismo “conseguiu guardar as escrituras e ao mesmo tempo a tradição; a ordem litúrgica tradicional e ao mesmo tempo a reforma flexível e finalmente, uma estrutura episcopal oficial de ministério ao lado de uma tolerância generosa” (KUNG, In AQUINO, 2000, p. 23). Foi esse desejo de evitar os extremos, de optar pelo que pode ser negociável, que plasmou na mente e na alma do Anglicanismo a compreensividade e a inclusividade (Cf. CAIRNS, 1995, p. 331).

Em 1558 em menos de um ano aprova no parlamento dois atos que caracterizarão daí para frente à Igreja Anglicana: o Ato de Supremacia e o Ato de Uniformidade. Com o primeiro, a rainha se declarava “suprema regente” da Igreja e do Estado, abolindo assim a jurisdição de qualquer estrangeiro – seja príncipe, prelado sobre a Igreja; e com o segundo, impunha como “único livro oficial” de culto o Livro de Oração Comum (1559), com algumas modificações: sancionava as antigas vestes litúrgicas e limitava a ostensiva influência calvinista nos ritos.

Elisabeth foi a segunda filha de Henrique a nascer, em 07 de setembro de 1533. Como Maria, também foi renegada pelo pai e considerada bastarda pelo Parlamento, por ocasião do julgamento de Ana Bolena. Também como Maria, foi afastada da corte e levada para um castelo distante da capital. De longe, ela acompanhou o reinado de seu irmão e principalmente o de Maria, e observou, basicamente, os erros cometidos pela rainha por ocasião de seu reinado. Parece que tomou a resolução interna de que, se um dia chegasse ao trono, manteria a sua independência e viveria de acordo com seus valores. Mesmo no seu exílio involuntário, conseguiu ter uma educação aprimorada. Conhecia bem as Escrituras, Arte e Política. Tudo o que ouvia falar com relação ao trono de Maria lhe servia de objeto de reflexão. Portanto, apesar dos pesares, foi uma jovem madura de vinte e cinco anos que subiu ao trono, em 17 de novembro de 1558 (OLIVEIRA, 2017, p. 79).

Todavia devemos que verificar que o Anglicanismo medieval presenciou o enorme conflito que ocorreu entre a *via antiqua* e a *via moderna*, particularmente no século XII. Esse conflito fez com que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
Juliano Bernardino de Godoy

a teologia Anglicana abandonasse a via antiga (escolástica tomista) e se aproximasse cada vez mais da razão, fazendo com que ela, ao lado da escritura e da tradição, se transformasse no que hoje conhecemos como o “tripé teológico” anglicano. Foi com base no novo papel exercido pela razão, defendida por Guilherme de Okhan, e pelo seu nominalismo, que o Anglicanismo passou a ver sua identidade e seu *ethos* de uma forma mais aberta. E não somente isso. A escolha pela via moderna fez com que o Anglicanismo se aproximasse do movimento da Reforma Protestante do século XVI e passasse a criticar fortemente os aspectos ilógico e quase mágicos que a teologia escolástica sempre defendia. Esta crítica, nascente na Inglaterra desde o século XII afetou a Igreja e sua identidade no século XVI (Cf. CAIRNS, 1995, p. 332-333).

Com a Reforma muda-se a liturgia, no sentido de que agora ela passa a ser realizada na língua do povo, a comunhão será dada nas duas espécies, o cantochão – embora persista -, passa a dar espaço aos hinos e a relação entre a Igreja e o Estado fará com que, de uma perspectiva simbólica, a coleta pelo Rei, a presença da bandeira inglesa e a visão do sacerdote como um funcionário do Estado, trará consigo uma nova simbologia

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Monarquia Inglesa tem uma fundamental importância histórica, essencial em todo a formação da nação. Esses momentos vividos desde sua organização, passando da Idade Antiga, depois para Idade Média e por último na História Moderna, percebe-se que a centralidade de poder e de ações foram os baluartes da Inglaterra como país e colocar-se em muitos momentos na vanguarda da história mundial.

A Reforma Religiosa em todo o continente europeu foi um momento em que os nobres e governantes e se levantaram contra os abusos da Igreja Romana, reivindicando uma fé mais próximas das comunidades cristãs primitivas e principalmente o fim das taxações abusivas de terras e dinheiro para os Estados Pontifícios. A Reforma Religiosa na Inglaterra ocorreu a partir da iniciativa de um rei Henrique VIII e de teólogos críticos às doutrinas e práticas do clero católico. Todavia ela continuou a ser implementada pelos seus filhos Eduardo VI e Elizabeth I, e transformou a Igreja da Inglaterra em uma Igreja Católica e Reformada, nacional liberta dos laços de Roma. Em contrapartida a coroa angariou um espaço de confisco de bens e propriedades que efervesceram a cultura e suas manifestações artísticas tiveram uma grande possibilidade nos séculos seguintes com o período Vitoriano.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, M. Antecedentes Medievais da Ruptura com Roma. **Via Panorâmica: Revista Eletrônica de Estudos AngloAmericanos /An Anglo-American Studies Journal**, n. 1 p. 142-155, 2008. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5178.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR
ISSN 2675-6218

OS MONARCAS E A REFORMA INGLESA: POLÍTICA E RELIGIÃO EM UNIÃO, CONSTRUÍDO UMA NAÇÃO
 Juliano Bernardino de Godoy

- AQUINO, J. **Anglicanismo uma introdução**. Recife: Perfilgráfica, 2000.
- AQUINO, J. **Pequeno Vocabulário Anglicano**. Natal: [s. n.], 1998.
- BAYCROFT, J. **O Jeito de ser anglicano**. Tradução: Ruth Barros. Recife: [s. n.], 2006.
- BETTENSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Aste, 1967.
- BIBLIA NTLH. **Bíblia**: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. 14. ed. Barueri, SP: SBB, 2007.
- BLOCH, M. **Introdução à história**. Mira-Sintra: Publicações Europa América, 1987.
- CAIRNS, E. **O Cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CALVANI, C. E. B. **Nossa Identidade, História e Teologia Anglicana**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- CALVANI, C. E. B. **Nossa Missão**. Porto Alegre: CEA, 2007.
- CALVANI, C. E. B.; OLIVEIRA, V. L. S. de. **Nossa Fé**. Porto Alegre: CEA, 2008.
- CAVALCANTI, E. R. **Anglicanismo: Identidade, Relevância e Desafios**. Recife: [s. n.], 2003.
- GINZBURG, C. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GONZALES, J L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, 1989. Vol. 5.
- HUME, D. **História da Inglaterra: Da invasão de Júlio César a Revolução de 1668**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- IEAB. **Livro de Oração Comum (1549)**. São Paulo: Paulus, 2015.
- MONDIN, B. **Curso de Filosofia: Volume 2**. São Paulo: Paulus, 2011.
- NEIL, S. **El Anglicanismo**. Madri: M.C.E. Horeb, 1986.
- NICHOLS, R. H. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.
- OLIVEIRA, V. L. S de. **História do Anglicanismo na Inglaterra**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- RODRIGUES, H. D. **Introdução à Teologia Anglicana II**. Porto Alegre: CEA; IEAB, 2018.
- VICENTINO, C. **História para Ensino Médio: Geral e do Brasil: volume único**. São Paulo: Scipione, 2001.
- WALKER, W. **História da igreja cristã**. Rio de Janeiro: JUERP, 1981. Vol. 1.